8

Considerações Finais

Esta dissertação pretendeu estudar a visão dos fotógrafos a respeito das imagens de morte publicadas na mídia impressa. O estudo dessas imagens perpassa por questões que abrangem desde o produtor até o receptor da imagem. A comunicação, como vimos, pode ser considerada como um divertimento, fortalecendo o elo social, e o sentimento parece se impor nas relações entre a Comunicação Social e o seu público. Os acontecimentos e as notícias repercutem emocionalmente no leitor, não mais considerado passivo. A distância crítica do leitor, a sua capacidade de transformar a informação ao recebê-la, passa a ser levada em consideração pelos autores e profissionais da mídia. O receptor da mensagem se questiona sobre a que distância a violência estará dele, ao ter contato com as notícias sobre o assunto.

De acordo com os fotógrafos entrevistados, o público é considerado um ser universal. Com frequência, supõem o que as diversas classes desejariam ver na mídia, considerando a população de baixa renda como desejosa por atrocidades e imagens violentas, já que estaria mais acostumada com a violência do que outra. Como se o menos favorecido se divertisse vendo a violência, por estar exposto a ela. Essa visão se mostra reducionista e estereotipada, já que os fotógrafos não possuem conhecimento sobre a percepção, de fato, desta população diante de tais fotos. As imagens de morte, feitas para jornais populares, são produzidas de maneira mais crua, direta e violenta do que as imagens dos jornais ditos de elite. Além disso, se essa parcela da população já está mais exposta à violência do que outras, vivendo uma rotina caracterizada pelo medo e ansiedade de, por exemplo, morar em uma favela, essa prática acaba por estimular os fotógrafos a produzirem imagens mais violentas para os jornais populares, imagens que,

por sua vez, estimulam ainda mais a ansiedade na população, resultando em um processo de retroalimentação da ansiedade e do medo. Qual seria o propósito de mostrar fotografias mais violentas, justamente, para uma população exposta à violência diariamente? Simplesmente expor a população, sob o manto da informação do acontecimento, a cenas que essas pessoas já conhecem e vivenciam? Tal lógica precisa ser revista e observada pelos profissionais da Comunicação.

Os repórteres fotográficos entrevistados consideram que o leitor elitizado não se afeta pelas imagens de morte, colocando a violência “em seu devido lugar” (ou seja, “na periferia e na favela”). Este leitor permaneceria tranqüilo ao ter contato com tais notícias. Essa visão se mostra tão reducionista quanto a visão do público menos favorecido, sendo que, em uma grande metrópole, a violência, medo e ansiedade atingem todas as classes, no momento em que os focos dos eventos violentos são encontrados em vários pontos da cidade.

Mantendo-se as devidas proporções, por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro, um morador do Leblon pode não estar exposto aos tiroteios freqüentes de uma favela, porém, pode ter seu prédio invadido por assaltantes, resultando em mortes da mesma maneira. Logo, o sentimento de medo e a ansiedade não são “privilégio” dos moradores de bairros menos favorecidos e comunidades carentes. A ansiedade é generalizada, e, dessa forma, o choque ao contato com imagens de morte também é. Não se pode afirmar o grau de intensidade desse impacto. Seriam necessárias outras pesquisas para tal verificação. Porém, acreditamos que não exista muita diferença entre o choque do menos favorecido e do leitor elitizado, diante das imagens de morte dos jornais e revistas.

Os fotógrafos têm diferentes práticas, conforme o jornal para o qual estão produzindo a foto. De acordo com eles, jornais populares solicitam fotos de mortes mais próximas, mais diretas; jornais de elite pedem fotos mais indiretas e sutis. Outra diferenciação ocorre diante do *status* social do morto retratado: o morto anônimo, menos favorecido, não receberia a

devida atenção da mídia, a não ser no caso de servir aos interesses desta, quando se deseja contestar sobre determinado tema, como falta de segurança, por exemplo. Já o morto célebre merece a atenção, tornando-se, se a situação permitir, símbolo de diversos valores pregados pelo meio social e pela mídia, como a luta pela paz. Vale indagar aqui o porquê das imagens mais diretas e violentas serem publicadas apenas em jornais populares, ficando as imagens amenas para os jornais de elite. Por que razão o leitor mais favorecido deve ter seu contato com a violência amenizado? Ou, dito de outra maneira: por que o leitor menos favorecido *não* deva ter este contato amenizado? São questões a serem refletidas.

Outro ponto discutido é a questão das justificativas que, para os fotógrafos, legitimam essas publicações. Fala-se em brutalidade existencial, em como a vida se tornou difícil, o mundo violento e os atos brutais freqüentes. De acordo com essa lógica, com o aumento da violência e a expansão das tecnologias, a violência onipresente se torna mais acessível, o que nos parece correto. Porém, o fato da violência ser mais acessível não significa dizer que ela precise ou deva ser exposta de todas as maneiras possíveis. O fato do leitor poder ter acesso às imagens de violência não significa que ele queira, deseje ou procure por este contato.

Além do uso da brutalidade existencial como justificativa, os fotógrafos se utilizam da idéia de que o público, em geral, deseja ver sangue, e que os jornais vendem por conta disto. Porém, cada exemplar de um jornal vende por conta de uma série de razões que apenas pesquisas específicas seriam capazes de explicitar. Um leitor pode comprar um jornal por conter uma matéria interna de seu interesse, mesmo que esse jornal traga, na capa, a imagem de um cadáver. Ele pode sentir repugnância diante da foto, mas, mesmo assim, ele irá comprar o exemplar por necessitar de outras informações. Logo, o simples ato da compra do jornal não é sinônimo de aprovação do conteúdo, por parte do leitor. Em alguns momentos, os fotógrafos parecem não saber o que o público deseja, alguns afirmam que este deseja, de fato, imagens violentas. Outros afirmam que as pessoas se

chocam e evitam tais imagens. Embora não haja consenso, a tendência dos fotógrafos é a de acreditar que o público, em geral, deseja violência.

Procura-se, também, legitimar a publicação das imagens de morte, utilizando a justificativa de se tratar de “fotojornalismo”, o caráter investigativo da profissão e a intenção de informar acima de qualquer coisa isentariam a Comunicação de eventuais acusações, questionamentos ou maiores indagações sobre suas práticas. Por ser fotojornalismo, pode-se fazer qualquer coisa. Diante esta lógica, os limites éticos das publicações se tornam elásticos e difíceis de serem controlados. Observamos que os Códigos de Ética não costumam conter artigos específicos sobre a publicação de imagens, se aliarmos a isso a idéia de um conceito de fotojornalismo que tudo permite, por se tratar de uma fotografia documental que aparece para comprovar que tal evento ocorreu, o controle dessas publicações se tornará, gradualmente, mais complexo e delicado. Falamos aqui de uma noção de controle que não significa censura ou restrição de imagens, mas de uma publicação consciente, ética, voltada para os valores humanitários, que contribua, enquanto informa, para melhorar a qualidade de vida do público, e não para aumentar a ansiedade da população.

O bom senso, o respeito às pessoas e a reação do público são considerados, pelos entrevistados, como reguladores da publicação de imagens violentas, e os Códigos de Ética não são mencionados pelos fotógrafos. Os reguladores se mostram, geralmente, subjetivos, elásticos e relativos, pois o que é considerado bom senso ou respeito às pessoas varia conforme cada um. Dessa forma, valores individuais não podem ser considerados bons reguladores, da mesma forma, como a reação do público também não pode, por ser considerada instável e relativa. Assim, são necessárias normas específicas para possíveis situações, previstas no Código de Ética do Jornalista (Vide Anexo B). Outro ponto é fundamental: tal Código de Ética regula apenas a prática do jornalista e não a do fotógrafo. A prática deste, na mídia impressa, poderia ser norteadada pelos Códigos da ANER e ANJ (Vide Anexo B). Ainda assim, tais Códigos, além de serem semelhantes, não

oferecem suporte a situações específicas sobre a publicação de imagens. Diante da falta de reguladores práticos e claros, procuram-se reguladores subjetivos e relativos, como o bom senso e a reação do público, por isso se mostra fundamental a adequação dos Códigos de Ética, no que se refere às publicações das imagens.

Os fotógrafos relatam, também, a dificuldade de fazer uma fotografia de uma pessoa morta ou cena violenta. Os depoimentos peculiares mostram o ser humano por trás das lentes, por trás da imagem do profissional, relatos esses que trouxeram de volta as lembranças das cenas presenciadas, sensações, odores, medos e tristezas. Existe a preocupação em tentar extrair alguma beleza a partir da morte, equiparando o fotojornalismo a uma fotografia, digamos assim, mais artística. Os fotógrafos preocupam-se em mostrar a imagem de morte de maneira indireta e sutil, orientação fornecida, também, pelos próprios editores de fotografia dos jornais.

Os profissionais entrevistados desejam ser reconhecidos pelo seu talento, querem que as suas fotos ultrapassem o objetivo de, simplesmente, informar sobre um evento; e apreciam outros fotógrafos que realizam tal ambição. Mostrar a imagem de morte de maneira indireta e sutil ameniza parte do problema (o choque que as imagens causam nos leitores). Ainda assim, não deixa de ser uma imagem de morte. Mostrar, por exemplo, uma imagem de um cadáver cujo sangue escorre pelo chão, ao invés de mostrar o corpo, não altera o fato de que o sangue também poderá chocar os leitores. Continua sendo sangue, continua sendo a cor vermelha que causa impacto, mesmo de maneira mais amena.

Ainda na tentativa de amenizar a imagem de morte, os fotógrafos procuram associar tais imagens a outras formas de violência, consideradas por estes, como o problema da fome mundial, moradores de rua e *sites* da *Internet* que contenham fotos de acidentes. De acordo com esse raciocínio, já que existe tanta violência, injustiça e desejo por atrocidades no mundo, a publicação de imagens de morte acaba se tornando banal, se comparada a outros fatos que permeiam a cultura contemporânea do terror. Existe uma

tentativa de desvio do foco da atenção voltada à publicação de imagens de morte, observada pelo uso das diversas justificativas que os fotógrafos utilizam.

No que diz respeito às contradições no discurso dos fotógrafos, não parece haver consenso no que se refere à incidência das imagens de morte na mídia, com relação ao passado; e no que se refere à manipulação das fotografias. Alguns entrevistados acreditam que, hoje, se publicam mais imagens de morte e imagens violentas em geral, outros pensam o contrário. Alguns aprovam a manipulação das imagens, afirmando que a fotografia sempre foi manipulada; outros condenam qualquer manipulação no fotojornalismo. As divergências indicam que tais assuntos são fontes de conflito, ainda hoje, entre os fotógrafos, principalmente, no que diz respeito à manipulação das imagens.

Embora tenha mantido o foco na visão do fotógrafo sobre as imagens de morte, essa dissertação de Mestrado pretendeu discutir, também, questões relativas ao impacto das imagens violentas, aos receptores, questões sobre o estudo da morte de maneira mais ampla, sobre a ética nos meios de comunicação e sobre as teorias relacionadas à Fotografia. Essa forma de abordar o tema da pesquisa permite ao leitor uma visão mais ampla do funcionamento do processo como um todo. Por ser, a fotografia, um tema de abrangência multidisciplinar, procuramos utilizar escritos de diversas áreas, visando uma abordagem mais completa sobre o tema. Com relação à Psicologia, se fazem necessárias mais pesquisas sobre o impacto psicológico das imagens, e sobre a relação entre a Psicologia e a Comunicação Social, assim como estudos multidisciplinares sobre a Fotografia.

A responsabilidade social da Comunicação cresce a cada dia, e é preciso, cada vez mais, pensar sobre o papel do Jornalismo e da Fotografia no contexto mundial. Não basta apenas falar sobre a questão da proliferação das imagens no mundo contemporâneo, mas também não bastam reflexões críticas e vazias. São necessárias propostas de ordem prática, realistas e

aplicáveis, revisões e atualizações dos Códigos de Ética. É necessário também o aumento das pesquisas que dizem respeito aos impactos das imagens, em geral, na vida dos leitores e espectadores.

Esta dissertação também pretende estimular o surgimento de novas pesquisas. No decorrer deste trabalho, algumas questões permaneceram em aberto, por não serem o objeto de estudo desta dissertação. Ainda assim, tais questões sugerem possíveis desdobramentos deste tema, tais como: (1) Pesquisas que verifiquem se imagens violentas de acontecimentos distantes chocam menos ou mais do que as de eventos locais; (2) Os leitores tendem a se tornarem mais frios no decorrer da exposição freqüente a imagens violentas?; (3) Quais seriam os valores, atualmente, que o Jornalismo propaga? Surgirão novos valores? ; (4) Qual seria a visão que os profissionais da Comunicação têm das diferentes classes sociais? ; (5) Que propostas aplicáveis podem ser feitas sobre a regulação da publicação das imagens? ; (6) Pesquisas sobre as imagens de morte na televisão e seriados (adultos e infantis) sobre o tema; (7) Pesquisas sobre as cartas de leitores enviadas às revistas e jornais, não apenas as publicadas, mas todas as cartas, para verificar a incidência da aprovação ou rejeição de imagens violentas ; (8) Pesquisa sobre a suposta atração do público diante de imagens violentas ; (9) Pesquisa sobre as reações em bancas de jornais / revistas, sobre o primeiro contato do leitor com o conteúdo e a imagem. Esses são os possíveis desdobramentos desse tipo de pesquisa, e necessitam trabalhos nos campos da Psicologia, Comunicação Social, Antropologia Social, Fotografia e Artes Visuais, etc.

Finalizamos esta dissertação com um relato de Susan Sontag (2004, p. 30), que fala por si, em que a autora relembra o impacto sentido diante das imagens de *Bergen-Belsen* e *Dachau*, em 1945:

Nada que tinha visto – em fotos ou na vida real – me ferira de forma tão contundente, tão profunda, tão instantânea. De fato, parece-me plausível dividir minha vida em duas partes, antes de ver aquelas fotos (eu tinha doze anos) e depois. (...) Que bem me fez ver essas fotos? Eram apenas fotos – de um evento do qual eu pouco ouvira falar e no qual eu não podia interferir,

fotos de um sofrimento que eu mal conseguia imaginar e que eu não podia aliviar de maneira alguma. Quando olhei para essas fotos, algo se partiu. Algum limite foi atingido, e não só o do horror; senti-me irremediavelmente aflita, ferida, mas uma parte dos meus sentimentos começou a se retesar; algo morreu.